Ecclesia Mundi Soror

Entre 2012 e 2015, haverá muitas festas, celebrações, reflexões, congressos, simpósios, publicações em torno do Concílio Vaticano II. Daí não ser exagero considerá-lo o maior acontecimento para o cristianismo nos últimos tempos. Em 11 de outubro 2012, celebram-se os 50 anos da abertura do Concílio e, em 8 de dezembro de 2015, os 50 anos de seu encerramento. Evidentemente os cristãos católicos foram os que mais sentiram suas repercussões, mas, de um modo geral, o Vaticano II significou uma abertura da Igreja Católica às demais igrejas e comunidades cristãs, às outras religiões — principalmente o Judaísmo e o Islamismo —, e às pessoas, grupos e povos humanos.

O Vaticano II não foi um acaso, nem uma simplória intuição de alguém ou de grupos eventualmente inspirados. Mas aconteceu no tempo determinado e circunscrito do século XX. Talvez tenha sido o concílio que, quer de um ponto de vista quantitativo, quer de um ponto de vista qualitativo, mais representou o adjetivo ecumênico requerido pelos concílios anteriores. Houve representantes de todos os continentes e de muitas denominações cristãs. Mesmo que fosse um evento interno dos líderes católicos, o concílio abriu os olhos de todos os católicos para os demais cristãos, para os outros crentes e para todas as pessoas. Ficava evidente aos católicos que a realidade a lhes circundar era de pluralismo e diversidade, tanto em relação à fé, quanto em relação à vida. E o mais importante e novo de tal constatação: via-se esse pluralismo e diversidade como algo a ser respeitado, amado e considerado imprescindível para a boa convivência entre a Igreja e o Mundo.

Bento XVI, visível líder supremo dos católicos no planeta, quis em primeira pessoa marcar as comemorações em torno dos 50 anos do Concílio Vaticano II, ao proclamar um “ano da fé”, que irá durar de 11 de outubro de 2012 — justamente a ocorrência do 50º aniversário da abertura do Vaticano II — a 24 de novembro de 2013, por ocasião da festa de Nosso Senhor Jesus Cristo Rei do Universo, solenidade que a cada ano encerra ciclo das celebrações litúrgicas dos católicos. Esta é a segunda vez que um papa proclama um “ano da fé”. Em 1967, Paulo VI também anunciou um tempo semelhante. O

motivo primordial daquele primeiro ano da fé se encontrava na celebração do 19º século do martírio dos apóstolos Pedro e Paulo. No entanto, o Vaticano II se encerrara havia dois anos, de modo que se pode dizer que o frescor daquela experiência também estava na intenção daquele ano da fé.

Percebia-se então — e percebe-se ainda hoje — a grande mudança epocal com a qual o cristianismo se defrontava — e defronta. A rapidez dos acontecimentos exigia e ainda exige a resposta que o Concílio deu e que os cristãos de hoje têm de dar. Na catequese da quarta-feira imediatamente anterior ao início do ano da fé, Bento XVI retomou uma metáfora já utilizada pelo seu antecessor para se referir aos documentos legados pelo Vaticano II. Ele compara-os a uma bússola a guiar o périplo da Igreja no mundo. A metáfora da viagem marinha remete àquele ofício original de Pedro, o primeiro seguidor de Jesus e primeiro a lhe testificar a ressurreição. Vem-nos à lembrança as palavras que o então Cardeal Ratzinger, de modo incisivo, escreveu em 2005 para uma das meditações preparadas para a Via Sacra daquele ano: “A tradição da tríplice queda de Jesus sob o peso da cruz recorda a queda de Adão — o ser humano caído que somos nós — e o mistério da associação de Jesus à nossa queda. Na história, a queda do homem assume sempre novas formas. (...) Mas, olhando a história mais recente, podemos também pensar como a cristandade, cansada da fé, abandonou o Senhor: as grandes ideologias, com a banalização do homem que já não crê em nada e se deixa simplesmente ir à deriva, construíram um novo paganismo, um paganismo pior que o antigo, o qual, desejoso de marginalizar definitivamente Deus, acabou por perder o homem. Eis o homem que jaz no pó”.

Fica, pois, patente uma das ideias-mestras do concílio e que está no âmago da intenção de recordá-lo depois de 50 anos: a relação entre Deus e a humanidade. O questionamento de tal relação tem validade tanto em âmbito interno à Igreja ou Igrejas, quanto em âmbito geral. Em outras palavras: constata-se um esquecimento de Deus. Ele deixou de ser importante para muitos e isso vale também para aqueles que falam d’Ele ou dizem pautar sua existência em obediência a Ele.

Aqui está a força do Vaticano II que não temeu vivenciar com profundidade algo tão próprio a toda experiência humana em geral e ao cristianismo em particular: a tensão interna. Não é dado por descontado que os cristãos se entendem entre si, nem que se demonstrem capazes de estabelecer um diálogo mútuo com facilidade. Há conflitos no modo de interpretar as verdades que os guiam. De modo que se pode identificar facilmente na história do cristianismo inúmeras contentas e facções internas, desde os testemunhos neotestamentários até os nossos dias. A cada dia os

cristãos de um modo geral são interpelados a curar tais tensões, não raras vezes acompanhadas de muitas dores e choques.

No entanto, o Vaticano II não foi realizado somente para que a Igreja olhasse para dentro de si própria. O Concílio proporcionou aos católicos uma visão positiva da humanidade em geral, inculcando-lhe um forte sentimento de fraternidade em relação a todos e impulsionando-os a atitudes de solidariedade efetiva com todos os crentes e homens de boa vontade.

Passemos, pois, a uma breve apresentação dos artigos deste número de *Pensar-Revista Eletrônica da FAJE*. Os artigos *Philo* abrem este número. O primeiro é assinado pelo mestrando do programa de pós-graduação em filosofia da FAJE, Cleverson Fernando Lino Batista, cujo título é "A Ética do Discurso frente o multiculturalismo: universalização *versus* facticidade". Como o título explicita, trata-se de uma reflexão sobre esta importante visão ética que é a ética do discurso ancorada na reflexão de Karl-Otto Apel. Nosso estudante aborda o tema do multiculturalismo, enquanto oriundo de um choque de culturas próprio de um mundo globalizado e questiona a fundamentação filosófica da ética do discurso de Apel.

Nosso segundo artigo tem por título "A condição humana como caso curioso: interface entre filosofia e cinema", assinado pelo bacharel e licenciado em filosofia pela FAJE Carlos Eduardo de Lima Santos. O autor utiliza o bem-sucedido filme *O curioso caso de Benjamin Button* como motivo para percorrer aspectos significativos da filosofia de Martin Heidegger, tais como angústia, autenticidade e tempo.

O terceiro artigo — "O homem como objeto de si mesmo no sistema filosófico vaziano" —, assinado por Ildevagno Caetano de Santana, graduado em filosofia pela FAJE e hoje estudante da graduação em teologia no Instituto Santo Tomás de Aquino, teve sua origem como comunicação no V Colóquio Vaziano. O autor, membro do Grupo de Estudos Vazianos (GEVAZ), grupo de pesquisa ligado ao programa de pós-graduação em filosofia da FAJE, faz um itinerário sobre um ponto específico da filosofia de Henrique Vaz: a posição da categoria da intersubjetividade na arquitetura do sistema filosófico do pensador ouro-pretano.

O mestrando do programa de pós-graduação em filosofia da FAJE, Gustavo Sarti Mozelli, assina o artigo "Ética e Pós-Modernidade". O foco de sua reflexão se concentra em dois importantes filósofos contemporâneos: Heidegger e Habermas. Indo inicialmente às raízes cartesianas e kantianas do tema da subjetividade, nosso autor se envereda em Heidegger e na aproximação este faz no pensamento de Heráclito, evidenciando em Heidegger uma abordagem pré-metafísica do *lógos*. Num segundo

momento, toma a filosofia de Habermas e sua perspectiva pós-metafísica enquanto ética do discurso.

Abre a sessão de artigos THEO, o texto de Marco Aurélio Eurípedes da Silva, recém graduado em teologia pela FAJE. Seu artigo "Opção preferencial pela juventude: opção afetiva e efetiva também no mundo do trabalho" traz à reflexão o tema do protagonismo da juventude também no mundo do trabalho, tendo como base documentos do magistério eclesial. Nossa revista encerra este número com o artigo "Crise e/ou delimitação? Considerações sobre narrativa científica e narrativa da fé na criação, a partir de Sesboüé" assinado por Jorge Luiz Gray Gomes, doutorando em teologia, e Tadeu Oliveira Santos Porto, aluno especial do mestrado em teologia. A reflexão deles toma impulso a partir de um dos principais teólogos contemporâneos: o jesuíta francês Bernard Sesboüé. O tema do "Deus criador do céu e da terra" é confrontado com a narrativa própria da ciência, numa perspectiva de diálogo.

A Igreja olhou para si própria e percebeu com profundidade sua identidade no Concílio Vaticano II. Eis seu grande legado. A definição primeira de Igreja apresentada pelo concílio de século XX consistiu juntamente em ela se reconhecer como *Povo de Deus*. Este genitivo substantivo a caracterizar a Igreja, ao mesmo tempo, a impele para uma posição de não sentir-se privilegiada ou superior em relação a outros grupos humanos, mas a faz ter consciência que ela possui a mesma fonte comum que a irmana com o mundo. *Pensar-Revista Eletrônica da FAJE* tem a alegria de também participar das comemorações em torno aos 50 anos do Concílio Vaticano II.

Boa leitura!

Delmar Cardoso
Editor